

3383

A INFLUÊNCIA DA VIRTUALIDADE SOBRE A PARTICIPAÇÃO EM SEMINÁRIOS CIENTÍFICOS NA ÁREA DE EMERGÊNCIA PEDIÁTRICA DURANTE A PANDEMIA DO COVID 19

GABRIELA BIONDO; LUIZA FOSCHIERA; JORDANA VAZ HENDLER; PATRÍCIA LAGO; JOÃO CARLOS BATISTA SANTANA

HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Introdução: A pandemia de Covid-19 no Brasil é um dos problemas de saúde pública mais impactante sobre a formação de novos médicos e capacitação de equipes multiprofissionais. A virtualidade e, mais especificamente, a educação remota, parece ocupar um importante espaço como cenário e ferramenta tecnológica disponível para este fim. Desde 2015, o nosso Serviço de Emergência Pediátrica realiza um programa científico abordando, semanal e presencialmente, um tema de emergência pediátrica. Com o advento da pandemia as reuniões presenciais cederam espaço para reuniões virtuais e semanais. A pandemia Covid-19 pode ter acelerado a utilização destas plataformas virtuais como uma remodelação dos programas teóricos tão importantes na formação e na qualificação profissional, envolvendo graduandos e pós-graduandos.

Objetivo: Verificar o impacto da virtualidade sobre a participação de profissionais em Seminários de Emergência Pediátrica.

Método: Estudo prospectivo, acompanhando a assiduidade e participação em todos os eventos virtuais em plataforma Google Meet realizados pela equipe profissional da Emergência Pediátrica no período de abril a agosto de 2020 (período pandêmico) e comparar com a assiduidade nos Seminários presenciais que ocorreram entre 2016 e 2019 no mesmo Serviço. As variáveis contínuas, normais, foram expressas por número total e média, sendo comparadas pelo teste t de Student. Considerou-se $p < 0,05$ como nível de diferença significativa.

Resultados: Conforme tabela abaixo verifica-se a diferença entre número de eventos e participação média em cada ano, nas reuniões presenciais entre 2015 e 2019 e compara estes dados com os resultados de participação nos eventos virtuais ocorridos no período pandêmico atual (2020).

	2016	2017	2018	2019	2020 (pandemia) p	
REUNIÕES	38	40	42	36	12	
PARTICIPAÇÃO	11,58	11,75	11,82	11,94	56,66	* $P < 0,01$
MÉDIA POR EVENTO						

Conclusão: A assiduidade nestes eventos aumentou cinco vezes mais, evidenciando o sucesso desta dinâmica. Planejamento, comunicação e integração podem ser plenamente asseguradas com plataformas digitais, que podem e devem ser utilizadas como ferramentas para troca de conhecimentos e qualificação profissional. A pandemia do Covid-19 e o impedimento de aglomerações pode ter acelerado o uso adicional destas tecnologias educativas.

EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIATRIA E FISIOTERAPIA

2392

ALINHAMENTO E MAGNITUDE DA CURVATURA CERVICAL: ÂNGULO COBB É SUFICIENTE?

INGRID CLAUDIA PEREIRA DOS SANTOS; LUIZA RAMPI PIVOTTO; CLAUDIA TARRAGÔ CANDOTTI

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO: A artrodese é muito utilizada como tratamento cirúrgico para diversas patologias da coluna cervical (CC). Quanto mais informações sobre a CC, região complexa e suscetível a diversas patologias, melhor será a tomada de decisão clínica. Uma distinção deve ser feita entre métodos que são utilizados para classificar o alinhamento e métodos que mensuram a magnitude da CC. Apesar desses métodos gerarem informações diferentes, espera-se que essas informações sejam complementares, ou seja, espera-se encontrar magnitudes médias diferentes para cada tipo de alinhamento. OBJETIVO: Verificar se há diferença na magnitude da CC entre tipos diferentes de alinhamento da CC. MÉTODOS: 55 radiografias sagitais da CC de adultos saudáveis de ambos os sexos armazenadas em um banco de dados compuseram a amostra. As radiografias foram separadas em grupos de acordo com o tipo de alinhamento da CC: lordótico (GL), reto (GR), sigmoide (GS), sigmoide reverso (GSR) e cifótico (GC). Foi calculada uma medida de magnitude a partir do método Cobb C2-C7 (ângulo Cobb). Os dados foram analisados por estatística descritiva e inferencial (ANOVA one-way e post hoc de Gabriel). $\alpha = 0,05$. RESULTADOS: GL (n=20; 36,4% da amostra) apresentou ângulo Cobb de 19,7° (DP 5,8°); GR (n= 11; 20%) apresentou ângulo Cobb de 4,6° (DP 7,5°); GS (n=5; 9,1%) apresentou ângulo Cobb de 1,6° (DP 7,4°); GSR (n=8; 14,5%) apresentou ângulo Cobb de 8,7° (DP 3,1°) e GC (n=11; 20%) apresentou ângulo Cobb de -10,2° (DP 8,2°). Os resultados mostraram que houve diferença estatisticamente significativa na comparação da magnitude da CC (ângulo Cobb) entre os grupos ($F(4,50) = 38,704$; $p < 0,001$). O post hoc de Gabriel mostrou que: houve diferença nas comparações entre o GL e todos os outros grupos e entre o GC e todos os outros grupos; e não houve diferença nas comparações em pares entre os grupos GR, GS e GSR. CONCLUSÃO: As radiografias da CC no plano sagital com alinhamento lordótico e cifótico apresentaram magnitudes significativamente diferentes. As radiografias com alinhamento lordótico apresentaram os maiores valores de Cobb, enquanto as radiografias com alinhamento cifótico apresentaram os menores valores de Cobb. As radiografias com alinhamento reto, sigmoide e sigmoide reverso não apresentaram magnitudes diferentes quando comparadas entre si. Nesse sentido, o ângulo de Cobb não é suficiente sozinho, pois a partir do seu resultado não é possível diferenciar os alinhamentos reto, sigmoide e sigmoide reverso.